



## Números certos, contas “erradas”

A esmagadora maioria dos jornalistas que chega a uma redacção para iniciar a sua carreira profissional sabe que uma notícia tem que responder a um conjunto de perguntas essenciais. Transmitir ao leitor informação sobre o quê, quem, quando, porquê e como é uma tarefa incontornável para que qualquer profissional possa considerar o seu dever cumprido.

Na área do jornalismo de economia e negócios há um outro elemento que tem de figurar quase obrigatoriamente em qualquer notícia. Não basta escrever que a inflação “subiu muito” ou que o volume de negócios de uma empresa “desceu ligeiramente”. Perante um texto redigido nestes termos vagos e subjectivos, os leitores questionar-se-iam, com toda a legitimidade, sobre qual teria sido o critério do respectivo redactor ao optar por aqueles qualificativos e não outros. Às “regras de ouro” tradicionais para a correcta elaboração de uma notícia há que acrescentar uma outra decorrente de uma simples pergunta: quanto?

Ao folhear as páginas de economia de um jornal, é fácil apercebermo-nos da importância dos números nesta área temática. Basta reparar naqueles títulos que dizem ter o défice público sido de “x” por cento ou que os resultados obtidos por uma determinada empresa se fixaram em “y” euros. Este género de situações visa fornecer aos leitores informação concreta a partir da qual cada um poderá fazer o seu próprio juízo. Mas como um dos objectivos da comunicação social deve ser o de facilitar a vida aos consumidores de informação, o trabalho a realizar por um jornalista pode e deve ir um pouco mais além.

A uma linguagem clara e de fácil apreensão, evitando as chamadas “palavras caras”, pode juntar-se a

resposta a outras questões. Afirmar, sem mais pormenores, que o saldo da balança comercial foi de “x” euros pode não dizer nada a ninguém, a não ser a um especialista em estatísticas da contabilidade nacional. Sucede que os jornais, assim como as rádios, as televisões ou as publicações “online”, não foram feitos para serem entendidos apenas por uma minoria de iluminados.

Acrescentar que aquele indicador aumentou “y” por cento em relação a um período anterior já ajudará a elucidar os leitores. Ficarão a saber que se o défice aumentou é porque se pode estar no mau caminho e se, pelo contrário, o saldo negativo foi reduzido e até houve lugar a um excedente, isso pode ser um sinal de boa saúde financeira para o país. Já agora, nenhum mal virá ao Mundo se o jornalista diligente se lembrar, também, de alertar o seu público para o eventual facto de a taxa de crescimento verificada ter sido inferior à que as autoridades previam, citando, de preferência, qual a projecção oficial que havia sido adiantada.

Frequentemente, as taxas de variação, bem como os resultados de outras contas que ajudam a apreender o significado dos números, já vêm feitas de origem. Os balanços das empresas ou os dados estatísticos oficiais são vulgarmente fornecidos com esses elementos, o que poupa as redacções a algum trabalho. Mas nem sempre é assim e, por outro lado, uma investigação mais profunda, que costuma exigir a realização de cálculos a partir de outros números, obriga os jornalistas a recorrerem aos seus conhecimentos de matemática, entre outros, para concretizarem o seu trabalho.

É o que sucede anualmente, por exemplo, com o tratamento jornalístico da proposta de Orçamento do Estado. O que não falta no documento são números e para que eles revelem alguma coisa sobre as opções do Governo ou as contradições entre

o discurso político e a realidade é necessário estudá-los, compará-los e descodificá-los com o objectivo de fornecer a quem lê as conclusões mais relevantes de um documento que, nomeadamente através dos impostos, “mexe” no bolso dos cidadãos. Neste caso concreto, como em qualquer outro, o objectivo prioritário para um jornalista é o de assimilar e compreender a informação que recebe, já que só desta forma poderá conseguir que os leitores entendam aquilo que irá escrever e publicar. Sobretudo se tiver, também, a preocupação de explicar o seu raciocínio, colocando-o a julgamento junto de quem o vai ler ou escutar.

Sucede, porém, que enquanto a matemática é uma ciência exacta, a economia não o é, servindo-se apenas daquela disciplina como um importante auxiliar. Isto significa que, para quem tem por obrigação profissional o fornecimento de informação clara, transparente e objectiva sobre o andamento do país no plano económico, há que tentar quotidianamente fazer o equilíbrio entre dois extremos. Um, diz que “os números não mentem”; outro, garante que “os números são manipuláveis”. E o grande drama é que ambas as perspectivas estão certas ...

Mais importante do que verificar se as contas estão devidamente feitas, algo que tem a ver com o grau de solidez dos conhecimentos adquiridos no ensino secundário ou universitário, é a explicação aos leitores dos critérios utilizados por um jornalista sobre os cálculos efectuados com o objectivo de sustentarem uma determinada notícia. Imaginemos o caso de um jornalista que decida fazer uma investigação sobre a evolução da carga fiscal ao longo do mandato de um determinado Governo. A conta óbvia consiste em dividir as receitas anualmente obtidas pelo Estado através da cobrança dos impostos pelo valor do produto interno bruto (PIB), multiplicando, depois, por cem com o objectivo de



encontrar uma percentagem. Suponhamos ainda que, uma vez efectuado aquele exercício, se conclui que a carga fiscal foi subindo gradualmente ao longo do período considerado. Até aqui estamos no domínio dos “números que não mentem”.

Acontece que aquela simples conta pode transformar-se rapidamente num terreno fértil para a polémica. Interessado em afirmar as suas eventuais virtudes perante a opinião pública, o Governo em causa poderá alegar que as contas estão incompletas, embora não negando o seu rigor. Se os proventos derivados da tributação dos lucros das empresas tiverem subido e as receitas provenientes da tributação do trabalho tiverem descido, o Executivo poderá alegar que, afinal de contas, a carga fiscal sobre os contribuintes individuais até desceu.

Seguir-se-á, muito provavelmente, uma acesa troca de acusações. O jornalista dirá que, de acordo com os seus cálculos — que ninguém se atreverá a colocar em causa — o Estado foi absorvendo um volume crescente dos recursos gerados pelos agentes económicos e que era isso mesmo que o seu texto pretendia provar. O Governo, pelo seu lado, dirá que se trata de “manipulação”, quiçá “grosseira”, já que se poderá provar, também através de contas imaculadas, que o IRS terá registado um desagravamento geral, beneficiando o comum dos cidadãos.

Como se vê, o problema de quem faz jornalismo na área de economia e negócios não reside tanto na matemática, desde que a formação nesta disciplina não tenha sido tempo perdido. Trata-se de uma ciência cega a outras considerações e que pode ser utilizada para provar simultaneamente uma tese e a sua antítese. Sendo assim, o que um jornalista deve questionar perante si próprio depois de fazer um texto, é saber se terá ponderado os diversos pontos de vista relacionados com a matéria que está a trabalhar e se os terá explicado com rigor e detalhe à sua audiência.

Ainda assim, uma controvérsia em torno de uma notícia que envolva

números exactos, mas passíveis de diferentes interpretações, aguenta-se. Contas erradas é que já são um grande sarilho.

João Cândido da Silva  
Jornalista

## Números em contexto Três breves apontamentos

### Primeiro apontamento

“Vivemos num mundo em que os recursos, dinheiro e comodidades estão injustamente distribuídos. 1,3 biliões de pessoas sobrevivem com menos de um dólar por dia. Um bilião de pessoas fora da idade escolar são iletradas, mais do que em qualquer outro momento da história. Há 40 anos, os 20% mais pobres da população mundial ganhavam 2% do rendimento global. Hoje recebem apenas 1%.”

(notícia de um jornal em Agosto de 2002 e cuja referência se perdeu)

### Segundo apontamento

→ financiamento suficiente para ir construindo, em simultâneo, uma colecção, Vicente Todolí foi vendo o número de visitantes subir até fazer do “seu” museu o mais visitado do país em 2001.

Só que agora o desafio vai ser outro. Ao passar do Porto para Londres e de Serralves para a Tate Modern, a fasquia passa de 300 mil visitantes por ano para mais de 3,7 milhões.

— Isso não o assusta!

— A mim não.

— É quase treze vezes mais do que Serralves...

— Se compararmos o número de visitantes que recebe Londres com o número de visitantes que recebe o Porto, se calhar a diferença já não é tão grande. E eu não sou supersticioso. O meu desafio não é manter esse número de visitantes. O meu desafio é ter o respeito de todos os profissionais do mundo.

(extracto de artigo sobre Vicente Todolí, Pública n.º 325, 18 de Agosto 2002, p. 38)

Saltam-me sempre aos olhos registos como este que revelam uma atenta e cuidada utilização dos números. E saltam-me ainda mais quando vêm de pessoas inesperadas. Para além de todos os atributos que tem, Vicente Todolí tem um bom sentido dos números.

### Terceiro apontamento

A avaliação em três disciplinas em duas turmas do mesmo ano e curso levou as equipas responsáveis por essa avaliação à necessidade de aferir classificações através da comparação dos resultados. Feitas as médias concluiu-se que numa das disciplinas a diferença entre as médias era de 7 décimas. Comentários de alguns dos professores: — Não está mal!. Diferença de décimas é uma pequena diferença. As notas estão equilibradas.

Foi preciso ripostar: Mas este valor significa que 70% dos alunos de uma das turmas, mais de metade, tiveram mais um valor que os alunos da outra. Tendo em conta que estamos a falar de 28 alunos, estamos a falar de 19 ou 20 alunos que podem estar prejudicados em um valor.

Reacção imediata: Visto assim é totalmente diferente. Não podemos deixar estas notas. Temos de rever as nossas classificações.

Estamos a falar de uma grande insensibilidade para os números, possivelmente muito baseada no seu carácter absoluto e totalmente desligada da relatividade que eles representam. Nunca é demais registar e explorar exemplos que revelem a relatividade das quantificações e o carácter não absoluto com que é preciso olhar e utilizar os números. Não há literacia matemática sem um bom desenvolvimento do sentido do número. Ora é impossível construir um bom sentido do número em situações descontextualizadas, daí a necessidade de ter um universo de exemplos muito amplo e de o renovar constantemente.

Cristina Loureiro  
ESE de Lisboa